

O Piracaiense: Preservação da Memória Regional Através de um Patrimônio Cultural Jornalístico¹

Ana Catharina GRADIZ²

Prof. Dr. Giuliano TOSIN³

Prof. Me. Osni DIAS⁴

Centro Universitário UNIFAAT, Atibaia, SP

Resumo

Este trabalho dedica-se ao extinto jornal O Piracaiense e sua atuação nas primeiras décadas do século XX. Começando por uma apresentação histórica da cidade de Piracaia, em seguida aborda o início das atividades jornalísticas na região. Mostra uma seleção de trechos do conteúdo de exemplares selecionados d'O Piracaiense e propõe uma discussão sobre os princípios interdisciplinares entre História e Jornalismo, recorrendo a conceitos como memória, resgate, cotidiano e patrimônio histórico-cultural.

Palavras-chave: memória; resgate; cotidiano; jornal impresso; jornalismo regional.

Introdução

O Piracaiense foi um jornal impresso que existiu no século passado na cidade de Piracaia, em São Paulo. Os relatos acerca de sua trajetória são imprecisos, o que motivou uma pesquisa para defini-lo de modo mais objetivo. Herdeiro de outro periódico chamado O Cachoeireinse, o jornal O Piracaiense teve em José Herdade seu principal proprietário e diretor. Imigrante português e ex-aluno de filosofia na Universidade de Coimbra, Herdade foi um dos jornalistas pioneiros em Piracaia. O Piracaiense era um hebdomadário com apenas quatro páginas numa folha de papel, que apresentava notícias referentes aos mais variados assuntos do cotidiano local, além de artigos opinativos, anúncios publicitários e notificações oficiais. Oferecia a seus leitores assinaturas mensais e anuais, numa Piracaia que possuía, na década de 1920, cerca de

¹ Trabalho apresentado no GP História da Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8o semestre do curso de Jornalismo e pesquisadora de iniciação científica no CEPE (Centro de Estudos, Pesquisas e Extensão) da UNIFAAT, e-mail: catharina.gradiz@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social da UNIFAAT e pesquisador no CEPE, e-mail: giulianotosin@gmail.com

⁴ Coordenador do curso de Jornalismo da UNIFAAT, e-mail: osnidias@gmail.com

13 mil habitantes, a maior parte distribuídos na zona rural.

Este trabalho busca elucidar a trajetória do jornal, seu período de circulação, seus proprietários, as editorias e assuntos mais recorrentes e os principais jornalistas da época. Além disso, entender o modo como o jornal retratava o cotidiano e a identidade da população de Piracaia nas primeiras décadas do século XX, e como dialoga com o contexto histórico (regional e nacional) no qual esteve inserido.

Após a apresentação histórica do veículo e seu contexto, e a descrição de seu conteúdo, o objeto de estudo será analisado à luz de conceitos como memória, patrimônio histórico e cultural, cotidiano, entre outros, visando contribuir no resgate da memória coletiva local. Além disso, auxiliar na compreensão da identidade da população piracaieense nas primeiras décadas do século XX, entender seus hábitos, costumes, ideologia, trabalho e rotina, para fomentar a memória da cidade e enriquecer a história da imprensa na região bragantina.

Em relação aos aportes metodológicos adotados, prevaleceu nesta pesquisa o método qualitativo-descritivo, com a manipulação de material de origem predominantemente bibliográfica, inserido em um recorte temporal histórico. Destacou-se a priorização por informações de cunho historiográfico, obtidas em bibliotecas e acervos públicos e privados. Foi acrescido o método analítico na abordagem do conteúdo dos exemplares visando a aplicação dos conceitos oriundos da pesquisa bibliográfica. Foram realizadas pesquisas de campo com, sobretudo, duas finalidades: obtenção de material histórico (fotos, documentos, exemplares do jornal, etc.) e realização de entrevistas com fontes previamente selecionadas que possuíam informações sobre o objeto de estudo da pesquisa e o contexto histórico que o cercava.

1. O município de Piracaia no começo do século XX

O município de Piracaia situa-se no nordeste do estado de São Paulo, a 89 quilômetros da capital. É uma das cidades da chamada região Bragantina, renomada por suas belezas naturais com montanhas, cachoeiras, imensas barragens e as belas paisagens da serra da Mantiqueira, na fronteira com o sul de Minas Gerais. A região também é conhecida por sua expectativa e qualidade de vida elevadas. O povoado, fundado em 1817, foi elevado à categoria de município em 1892, chamado inicialmente

de Santo Antônio da Cachoeira, referências ao padroeiro do lugar e ao rio Cachoeira. O nome “Piracaia”, que quer dizer “peixe assado” em tupi-guarani, foi atribuído em 1906.

Atualmente com 27 mil habitantes, Piracaia contabilizava, no começo do século XX, cerca de dez mil pessoas, a maioria residentes no perímetro rural, onde se situavam as chácaras e fazendas de café. O centro da cidade ainda possui belos sobrados e casarões com mais de cem anos, e duas igrejas dessa época, a de Santo Antônio (Igreja Matriz) e a do Rosário, ambas tendo passado por reformas. A Usina de Piracaia, que trouxe luz elétrica, foi construída em 1911. Em 1902, na véspera da festa do padroeiro, era inaugurada a iluminação a gás acetileno. Até então, a iluminação pública era feita com lâmpadas a querosene. Em 1898, foi inaugurada a linha telefônica.

Até 1914, os moradores buscavam água em latas no rio Cachoeira. Então, foram construídos dois chafarizes no centro, que eram utilizados para pegar água e lavar roupas. A água encanada começa a chegar em algumas casas em 1916. O mercado municipal, que ficava atrás da igreja do Rosário, foi construído em 1912 e demolido em 1968. As correspondências do correio vinham por meio de cavaleiros ou charretes, passando por Mairiporã e Atibaia. Com a chegada do trem mudaram muito os costumes locais. A Estação Piracaia de trem foi criada em 1914, com muito esforço do coronel Thomaz Gonçalves da Rocha Cunha. Nessa época, havia 23 engenhos de cana na cidade, muitos alambiques e farta variedade de marcas de cachaça.

Em comparação ao recente passado rural, a Piracaia do começo do século XX começava a ganhar contornos de progresso, o que já despertava a nostalgia dos antigos moradores.⁵

A Piracaia de hoje, com os seus bellos predios, suas ruas abauladas, seus modernos edificios publicos, seu rumoroso commercio e sua promissora cultura espiritual, não vale decerto para os velhos moradores da cidade, como estancia aprazivel, o que valia outrora, 37 anos atraz, a rizonha collina de Santo Antonio da Cachoeira, com suas alegrias ingenuas e expontaneidades affectivas, longe do tumulto e das asperezas dos grandes centros civilisados.

O que o autor chama de “grande centro civilizado” eram alguns poucos quarteirões com armazéns, quitandas, farmácias, correio, barbearias, botequins, uma confeitaria, uma livraria, dois médicos, um dentista, três advogados e assim por diante.

⁵ Reminiscências pelo Dr. Affonso de Carvalho (*Apud* ALMEIDA, 1912, p. 105).

A cidade tinha, ao todo, 17 ruas e três avenidas. Os “modernos edifícios públicos” eram, basicamente, o Fórum e Cadeia, uma elegante construção erguida pelo Estado, as igrejas, o Mercado Municipal, o Paço Municipal e o Grupo Escolar.

A década de 1910 foi uma época próspera para a cidade, com o auge do ciclo cafeeiro. Deu-se a chegada das inovações e a vinda de engenheiros e arquitetos, entre eles o renomado campineiro Ramos de Azevedo, que residiu alguns anos na cidade. A praça Santo Antônio, defronte a igreja homônima, era o local público mais frequentado da cidade. Nela foi construído, em 1911, o Theatro Sant’ Áurea, importante palco para os eventos culturais da cidade. Nessa época, havia também o Cinema Paraíso, com espetáculos por sessões todos os sábados e domingos. A cultura mantinha-se acesa também através de serenatas, quadrilhas, execuções da banda de música local e da orchestra coral, jogos de prendas, cavalladas, congadas e apresentações de teatro amador. Desde o final do século XIX comemoravam o carnaval na cidade, e o “bando carnavalesco” passeava pelas ruas do Theatro Sant’ Áurea até o Club Piracaia.

2. Primórdios do jornalismo impresso em Piracaia

Vizinho à vila de Santo Antônio da Cachoeira, havia o distrito de São João do Curralinho (atual cidade de Joanópolis), que era ainda menor. Por incrível que pareça, foi ali que a imprensa local começou, através do professor, escrivão e homem de letras Antonio Ferreira de Almeida que, em abril de 1895, criou o semanário O Curralinhense. Antonio, que era nascido em Cachoeira, ocupava a redação e a direção de seu pioneiro jornal.

Em julho do mesmo ano, foi fundado na vila um semanário intitulado O Cachoeirense, sob a redação de Francisco de Paula e Silva, e gerência de Joaquim Gonçalves de Oliveira. A “officina”, local que sediava a impressora tipográfica, foi montada sob a direção do Sr. Theophilo Ferreira de Almeida. Em 1897, surgiu em Curralinho a folha local intitulada O Município. O primeiro número trazia uma acusação contra proteção a criminosos e, por esse motivo, O Cachoeirense, como “órgão político” assumido, travou grande polêmica com O Município, que durou meses. Em dezembro de 1897, retirou-se da redação d’O Cachoeirense o advogado Alfredo Firmo da Silva e, no ano seguinte, Luiz Gonzaga assumiu a gerência do jornal. Em 1901, sob a redação de Daniel Cândido e a direção do Dr. Joaquim Pereira, começa a circular o semanário O

Correio da Cachoeira. No ano seguinte surgiu o semanário O Commercio, sob redação de José Vicente Rodrigues. No mesmo ano, surgiu também o semanário O Piracaia, que pouca vida teve. Em 1903, surgiu o semanário intitulado O Luctador, sob a direção de José Vicente e impresso nas mesmas oficinas do extinto O Piracaia.

Depois de algum tempo sem circulação, O Cachoeirense reapareceu em outubro de 1902 sob a direção de José Simões Herdade, imigrante português nascido em 1864 na cidade de Figueiró dos Vinhos. Herdade veio sozinho para o Brasil entre 1884 e 1885. Seu primeiro contato foi com um primo em Santos e, não sabe-se por qual motivo, foi em seguida para Piracaia, onde residiu por mais de 40 anos. Bisneta de José Herdade, Lydia Maria Alves Olivieri comenta que “ele tinha uma loja de variedades chamada ‘Paraíso das Novidades’ e era um homem culto, formado pela Universidade de Coimbra, provavelmente em Filosofia, conforme conta minha mãe, que ouvia da mãe dela.”⁶ Participava ativamente da vida cultural da cidade, estando entre os rapazes que, em outubro de 1895, reuniram-se no salão da Câmara Municipal para formar um grupo dramático recreativo do qual foi vice-presidente. Segundo Lydia, seu bisavô “nunca exerceu cargo político, mas era bem ligado à esfera política da cidade, e entre suas amizades na cidade destacavam-se juizes, médicos, políticos, advogados, etc.” Algumas fontes afirmam ainda que ele teria recebido o título de Capitão e era maçom de grau 33, o mais elevado.⁷

O Paraíso das Novidades, também conhecido como Bazar do Herdade, que teve ainda o nome de Herdade Irmãos, ficava localizado defronte a Praça Nossa Senhora do Rosário, bem no centro da cidade, e lá havia a única impressora tipográfica local, que imprimia os exemplares d’O Cachoeirense, e depois d’O Piracaiense. O estabelecimento comercial oferecia serviços de gráfica, telefonia, tipografia, papelaria, material de escritório, livraria, entre outros. José casou-se com Florinda Herdade e tiveram nove filhos, alguns destacaram-se em atividades ligadas ao comércio na cidade e à administração do Piracaia Futebol Clube. O estádio do Piracaia Futebol Clube, bem como a rua onde se situa sua sede, têm o nome de Agripino Herdade, filho de José, que teria doado seu terreno para a construção do estádio em 1913.

Em 1910, O Cachoeirense passou a ter direção do coronel Silvino Julio Guimarães, e José Herdade ficou na gerência, tendo retornado à direção anos depois,

⁶ Entrevista concedida em 05/04/2020.

⁷ Entrevistas realizadas com Lydio Osvaldo Herdade (28/07/2021) e Rodrigo Costa (29/01/2021).

permanecendo no cargo até seu falecimento, em 1926, aos 62 anos de idade. É curioso observar que o município mudou de nome em 1906 mas o jornal continuou se chamando O Cachoeirense até quase o final da década seguinte. Lydia comenta o fim das atividades d'O Piracaiense: “Com a morte do José Herdade, sei que os filhos dele, Antonio e Lydio, ficaram por um tempo, mas não sei até que ano, publicando o jornal, inclusive minha mãe se lembra de ver os livros pretos que encadernavam os exemplares, porém aonde foram parar, não sabemos.” Um exemplar resgatado de 1945 mostra que O Piracaiense pertencia, na ocasião, a Job Telles Faria, que também é nome de rua na cidade. Numa sequência ininterrupta ou não, O Piracaiense circulou também nos anos 1970, tendo pertencido à família Zago.

3. O Piracaiense: descrição do conteúdo do jornal

Exemplares d'O Piracaiense de 1922 relatam uma cidade onde estavam ocorrendo notáveis “melhoramentos locais”. Em 29/01/22, a Câmara Municipal de Piracaia, representada pelo Ten. Cel. José Moraes Cunha, vice-prefeito em exercício de Piracaia, anuncia um edital chamando concorrentes para o “calçamento a paralelepípedos” da cidade: “Fica o Prefeito Municipal autorizado a chamar a concorrentes para o calçamento a paralelepípedos das ruas desta cidade, iniciando pela rua Padre Antonio.” Em outro anúncio da mesma edição, a Câmara decreta a criação de imposto para “o canteiro, britador ou outra qualquer pessoa que exporte pedras para fora do município.” Certamente, as duas publicações estavam ligadas à mesma finalidade, o calçamento das ruas locais.

Na semana seguinte, (05/02/22) outra nota intitulada “Melhoramentos Locais” anuncia “Sabemos que é intenção da Prefeitura, dotar a nossa cidade de muitos melhoramentos no corrente anno, para comemoração do centenario da independencia do Brasil, a exemplo do que se está fazendo em outras localidades.” Em seguida, anuncia o calçamento de parte da cidade, e convida os proprietários “que ainda não fizeram calçadas e muros de seus predios, a fazerem em breve prazo, reformando os predios que disto precisarem.”

Nota de 16/07/22 intitulada novamente “Melhoramentos Locais” acrescenta que “A Directoria do Serviço Sanitario providencia para que sejam feitas as instalações de agua e esgotos em todos os predios das cidades onde hajam esses serviços.” Ainda com

o mesmo título, nota na edição de 27/08/22 anuncia que “A Camara Municipal vae augmentar a illuminação publica com mais dez lampadas, collocando algumas na Villa Vieira, que ficará considerada dentro do perimetro urbano.”

Alguns exemplares d’O Piracaiense indicam a expansão do serviço de telefonia na cidade no começo dos anos 1920. A edição de 23/04/22 informa a ligação de “mais dois” telefones no centro, sendo eles o número 3, da Freitas & Prado, e o número 19, do Sr. Francisco Dias Novaes. Outras edições também anunciam a ligação de outros números na cidade.

A Ilha dos Amores e a Ilha do Recreio, que foram desfeitas posteriormente com as mudanças no curso do rio, eram importantes espaços de lazer, com bosques e caramanchões onde eram realizadas festas. Um passeio retratado na edição de 14/05/22 nos dá uma boa noção da beleza, da elegância e da prosperidade de Piracaia na época. “Um grupo de diversas pessoas desta cidade realizou uma bela passeata ás pitorescas ilhas, e elegantes pontes sobre o rio ‘Cachoeira’, recentemente construidas e que ligam o futuroso bairro ‘Mogy’, e outros á prospera Estação de Arpuhy.” E segue “Ás 5 horas, em uma das ilhas, foi offerecida uma apititosa refeição regada abundantemente com a saborosa ‘Franceschine’ e o incomparável ‘Alvaralhão’.” Entre discursos e agradecimentos, foram lembrados os officios prestados pelo Cel. Thomaz Cunha e por seu filho Sebastião Cunha, para os empreendimentos.

Na educação, o recenseamento escolar de Piracaia divulgado na edição de 16/07/22 é dividido entre Sede (Grupo Escolar) e bairros, e o contraste entre os dois é gritante: das 160 “creanças” da região central, 139 estão matriculadas no Grupo e 31 sabem ler. Nos bairros, são 719 “creanças”, apenas 55 frequentam escolas e só 15 sabem ler. Na saúde, um balanço da Santa Casa de Misericórdia divulgado em 16/07/22 afirma que foram recolhidos ao estabelecimento, no primeiro semestre do ano, 69 doentes; desses 58 tiveram alta, oito faleceram e três continuam em tratamento.

Assumidamente republicano, O Piracaiense promovia candidatos ligados ao Partido Republicano Paulista, que tinha o Cel. Thomaz Cunha como presidente do seu “directorio local”. Na edição de 23/03/22, um texto replicado a partir do jornal Folha da Noite intitulava-se “Eleições Estadoaes”, e exaltava a candidatura do Dr. Asprino Junior, convocando os eleitores da “Zona Bragantina” a votarem nele. O texto define o candidato como portador de “intelligencia robusta e formosa, possuidor de um caracter

sem jaça, de um coração nobilíssimo, amigo do povo e dos seus concidadãos, tendo maneiras as mais bondosas e democráticas”.

A edição de 12/02/22 contém uma convocatória do Partido Republicano Paulista para que os eleitores da cidade votem em Arthur da Silva Bernardes para presidente da república no próximo dia primeiro. O texto define Arthur Bernardes como “partidario convencido da valorização do café; obtendo elle a victoria, continuará o mesmo governo do Benemerito Dr. Epitacio Pessoa, á quem a lavoura muito deve”.

No dia 24/09/22, o anúncio da programação semanal de cinema do Theatro Sant’Aurea, que era divulgado em todas as edições d’O Piracaiense, foi mais sofisticado: “A fita para hoje é de primeira ordem. Foi passada nos melhores cinemas da Capital e do Rio e intitula-se ‘O coração de uma menina’, da querida fabrica World Pictures. Apparelho novo, tela nova, fitas de conceituadas fabricas, estamos certos que assim ficam sanadas as reclamações até hoje feitas.”

O principal cenário para os moradores ricos da cidade era, sem dúvida, o Club Recreativo Piracaiense. A edição de 29/01/22 fala do “chá dansante” mensal do clube: “as danças prolongaram-se animadas até o amanhecer de domingo.” Em outras edições, os relatos do “chá dansante” também eram de que o evento ia bem animado até a manhã seguinte. Existia também o Clube da Dona Cidadinha, onde só entravam negros. O noticiário de “Futebol” concentrava-se exclusivamente no Piracaia Futebol Club, instituição fundada em 1913. São anunciadas partidas amistosas contra o São José e o Corinthians, ambos de Bragança, o Fortaleza, de Arpuhy, o Operário, de Atibaia, e o Itatiba FC.

Páginas vermelhas de sangue e tragédias sempre foram atrativo em jornais, e é claro que com O Piracaiense não poderia ser diferente. A edição de 12/03/22 relata uma tragédia que comoveu muito a população local. Quando passeava pelas margens do Rio Cachoeira, a “senhorita” Oralina Franco “cahiu desastradamente nagua, sendo arrastada pela forte correnteza para, dahi alguns minutos, ser tragada pelas aguas do referido rio, desaparecendo-se”. Somente cinco dias após o incidente o cadáver foi encontrado. “A infeliz mocinha que apenas contava 20 annos de idade, era solteira (..) e sua morte foi geralmente sentida nesta cidade, dado os seus distinctos predicados.”

O artigo “Feminismo”, publicado em 18/06/22 combate o direito ao voto feminino. Lembra que no Brasil ainda não se reconhece “a capacidade social da mulher para o exercício do voto”. Segundo o autor, “a missão da mulher é mais doméstica do

que pública, mais moral do que política. Pode ser que futuramente assista a humanidade a confusão dos papéis. Mas por enquanto cumpre conservar o que até aqui tem se conservado no tocante à capacidade feminina.”

O Piracaiense importava-se em valorizar a imprensa e seu ofício. A edição de 18/06/22 saúda o 1º aniversário da “distinta colega que se edita na vizinha cidade”, a “Folha de Nazareth”. Em outras edições, O Piracaiense saúda aniversários, visitas e o recebimento de exemplares de periódicos de outras localidades. Noutra ocasião, o jornal afirma que recebeu do Sr. José Preto da Silva, “agente de diversos jornaes e revistas em Atibaia”, um “elegante número da apreciada revista carioca Fon-Fon”. Em anúncio na edição de 03/09/22, José Herdade se apresenta como “agente e correspondente” do Jornal do Commercio (Edicção de S. Paulo), folha de grande circulação “no paiz e estrangeiro”, e oferece assinaturas e anúncios no referido jornal. Em 29/10/22, O Piracaiense publicou na parte mais alta da primeira coluna da capa uma nota comemorativa referente ao seu “anniversario” agradecendo a “todas as pessoas que nos auxiliaram na espinhosa missão do jornalismo”.

Na edição de 30/04/22, um artigo intitulado O Jornalismo, com “palavras de Amadeu Amaral”, exalta a importância da profissão: “O jornalismo, senhores, tão mal conhecido na sua vida interior, e por isso mesmo calumniado, é uma escola mais interessante do que se supõe.” Continua “A profissão obriga-nos a ter sob os olhos, constantemente, tudo de grave ou de futil, de serio ou de ridiculo, de triste ou de grotesco se passa no paiz e no mundo, com capacidade de interessar a alguma categoria de leitores.” E conclui “Problemas de toda a ordem, questões de todo o feito, theorias e factos, idéias e manias, opiniões e sentimentos, pessoas e coisas, tudo, como um conjunto de innumeraveis e perennes correntezas, conflue, sem interrupção, para as dornas e os alambiques da imprensa.”

4. Jornalismo e memória n’O Piracaiense

O casamento entre Jornalismo e História é realizado com frequência em pesquisas a fim de compreender da melhor maneira o contexto e o cotidiano de uma época específica. Conforme observado por Romancini:

O campo de estudos de Jornalismo tem com a História

profunda ligação. Apesar de parecer evidente – para um especialista – é importante notar que já existe um *corpus* de História do Jornalismo (provindo de historiadores, mas também de pesquisadores da Comunicação), bem como notáveis trabalhos no qual o jornalismo serve de fonte ou objeto para a História. Registrar o que foi feito resulta num guia útil a interessados, e ao mesmo tempo pode servir – através de exemplos – para mostrar a produtiva interação entre essas áreas.

(2010, p.24)

Para Romancini, o Jornalismo, como uma área de conhecimento das Ciências Humanas, é comumente relacionado a estudos interdisciplinares, propiciando pontos de contato entre diferentes campos. No cruzamento disciplinar em questão, além do Jornalismo servir de fonte e/ou objeto para a História, também utiliza métodos baseados em pressupostos epistemológicos da mesma, com o objetivo de ultrapassar a visão dos historiadores, que tendem a ver a pesquisa em jornalismo limitada quanto à visão histórica pois ela derivaria apenas da perspectiva jornalística dos fatos. Mas segundo o autor:

(...) não são apenas os historiadores que recorrem a jornais para elaborar suas narrativas (e jornalistas que utilizam o conhecimento histórico), mas os jornalistas têm, por vezes, papel importante e ao mesmo tempo polêmico na elaboração da chamada “história imediata”. Essa é uma problemática que mostra tanto semelhanças quanto diferenças entre a elaboração narrativa do campo profissional do jornalismo e a da História como disciplina científica.

(2010, p.2)

É importante analisar o contexto histórico de uma época em vários documentos e sob diversos ângulos. Para Romancini (2010, p. 16), “o tradicional fôlego investigativo dos jornalistas, sua capacidade de estabelecer boas interações pessoais com fontes de informação e a preocupação com a clareza na produção textual, são algumas qualidades que podem e devem ser ‘levadas’ de um campo a outro.”

Aproveitando da interdisciplinaridade entre as áreas do Jornalismo e da História, o objeto de estudo O Piracaiense torna-se uma fonte de informação histórica sobre um período pouco revisitado da memória local, sobretudo por carência de material preservado que sirva como registro da época. Nosso “fôlego investigativo” nos levou a buscar, além dos exemplares disponíveis do jornal estudado, material complementar em acervos pessoais (documentos, fotos, dedicatórias, etc.) e na Biblioteca Municipal Profa.

Ruth Cavretti Zago, em Piracaia, onde encontramos os poucos livros e referências bibliográficas sobre a história da cidade. No que diz respeito às “boas interações pessoais com fontes de informação” citadas por Romancini, buscamos complementar nosso trabalho de pesquisa entrevistando pessoas que tivessem vínculos com o jornal e com a história da cidade. Transcorrido um centenário da nossa época de interesse, foi difícil resgatar essas memórias desbotadas a partir de lembranças que residiam em depoimentos de familiares passados, comentários de família e impressões de infância, que às vezes geravam informações contraditórias e, às vezes, complementares.

Os resultados de estudos como este tendem a ser frutíferos para ambas áreas (Jornalismo e História), visto o modo rico como *O Piracaense* retrata o cotidiano da sociedade local na época. Para Agnes Heller (2004, p.17), o cotidiano é onde o homem coloca em funcionamento “todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.” Ainda segundo a autora (p. 18), as partes fundamentais da vida cotidiana, que é heterogênea e hierarquizada, são “a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”. Todos esses aspectos fundamentais ao cotidiano podem ser observados através do conteúdo dos exemplares de *O Piracaense* descrito no item anterior: as relações profissionais, políticas, os interesses municipais, a valorização do lazer, da cultura e do entretenimento, as ocorrências policiais e pitorescas, enfim, o cotidiano que representava a identidade local na época. Os exemplares de *O Piracaense* possibilitam uma imersão a partir da qual é possível aprofundar-se no cotidiano de forma a tentar reconstituí-lo sob uma perspectiva historiográfica, fortalecendo a memória coletiva do município e da região.

Rolla (*Apud* Rodrigues, 2007, pp. 53-54) observa que um patrimônio histórico e cultural pode ser material ou imaterial, desde que represente uma função social e obtenha essa classificação de acordo com o valor simbólico dado a ele por aqueles que buscam sua tutela. Para Cunha (2009, p. 1), o jornal impresso mostra-se um material que releva “o cotidiano, as memórias coletivas, representações das atividades, festas, política, economia dos diferentes segmentos sociais”, entre outras coisas, de um grupo de pessoas num tempo e espaço delimitado. A partir disso, a autora entende que o patrimônio cultural ajuda a retornar ao passado, às suas memórias e ao sentimento de pertença social de uma população. Cunha coloca o jornal impresso como um documento

detentor de memória que, legitimado por aqueles que o possuem, pode ser considerado patrimônio histórico. “Os documentos encontram-se ligados ao princípio de patrimônio arquivístico que, por sua vez, pode ou não estar ligado à noção de patrimônio histórico”. (p. 7)

A ausência de valorização dos jornais impressos locais como patrimônio histórico e cultural fez com que exemplares d’O Piracaiense, entre outros materiais de valor semelhante, acabassem sendo extraviados. Durante a pesquisa de campo, nos deparamos com depoimentos que narraram o destino desses materiais. Alguns passam por infiltração e enchente que atingiram a biblioteca ou outros espaços, outros remetem ao incêndio de exemplares do jornal em uma escola, a documentos incendiados no cemitério, entre outros episódios.

Bem material de caráter histórico-cultural com valor inestimável, a compilação de exemplares d’O Piracaiense referentes a todo o ano de 1922 chegou a nós através de Rodrigo Costa. Em entrevista para a pesquisa, ele contou que o material estava com sua tia Tereza Herdade, que foi a última nora de José Herdade a falecer, em 2016, aos 95 anos de idade. Ela preservava esse material que era do marido dela, Antônio Herdade, filho do José Herdade e, como ela foi morar com Rodrigo no final da vida, levou a compilação de jornais consigo. Encontramos também poucos exemplares d’O Piracaiense na biblioteca municipal, algumas poucas páginas escaneadas do jornal na internet, e uma foto aqui e outra ali do jornal, normalmente com familiares descendentes dos Herdade. A ausência de um arquivo municipal que reúna organizadamente coleções das publicações locais é um fator que se, por um lado, dificulta a obtenção de material, por outro, aumenta o desafio de seguirmos rastros quase apagados da história.

De acordo com Ecléa Bosi, outra maneira de recordar o passado é reviver a lembrança de velhos, aqueles que viveram ativamente seu tempo e têm como nova função social, no momento da velhice, a perpetuação da memória para as futuras gerações. Para a autora, a recordação dos velhos é bem definida em seu contexto, mas “a veracidade do narrador não nos preocupa: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da História oficial. Nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida.” (1979, p. 1) Bosi discute também a desvalorização dessa etapa importante da vida, e como a importância de se compartilhar a memória dos velhos para a construção da

individualidade de quem ouve é subjugada, prejudicando o sentimento de pertencimento e união de uma sociedade.

Especialista em assuntos referentes à memória, Olga Von Simson (2006, pp. 2-3) define os anciões como “guardiões da memória” nas sociedades onde o fluxo de informações é limitado e, portanto, a seleção do que será passado para as futuras gerações é feita com acuidade e o papel de transmissão das lembranças é valorizado. Para Olga, “quando se vive de maneira tão acelerada a ponto de sermos impedidos até de ‘sentir o tempo passar’, como se diz popularmente, os projetos envolvendo a memória possibilitam aos participantes dos mesmos habitar esse tempo e vive-lo plenamente, numa relação que pode ser criativa e transformadora.” (p. 4)

Numa cidade como Piracaia, que possui poucas publicações referentes à sua própria história, o valor da cultura oral é muito significativo. O Sr. Benedito Aparecido da Cunha, popularmente conhecido como Seu Dito, é o porta-voz da cultura oral da cidade. Alfabetizado de forma autodidata, o ex-bibliotecário da biblioteca municipal normalmente é a primeira fonte a ser consultada quando o assunto é referente à história do município. Se, por um lado, a simplicidade do depoimento⁸ do Seu Dito impressiona, por outro, é reveladora de como se constrói e transmite cultura no contexto local:

Pra começar, nem no Ginásio eu fui, aprendi tudo ‘no macete’. Conheço tudo que existe no mundo, tudo que tiver de pesquisa, porque longos anos de trabalho na biblioteca me proporcionaram isso. Eu aproveitei todo o meu tempo sabendo de tudo que se passava no mundo, tudo que aconteceu e, durante todo o tempo, eu procurei aperfeiçoar. Aprendi um punhado de coisas desde a formação política do Brasil e do mundo, economia, ciências...

A entrevista com Seu Dito, além de permitir conhecer melhor como era Piracaia no período histórico que investigado, também serviu para confirmar ou corrigir informações referentes a nomes, datas, acontecimentos, etc.

Simson (2006) apresenta o conceito de “sociedade do esquecimento”, o qual se fundamenta na perda do “poder de seleção” das memórias e escolha sem critérios das vivências por consequência da evolução dos meios de trabalho e comunicação, os quais deixaram a vida urbana muito acelerada e com um fluxo enorme de informações. A autora afirma (p.4) que os projetos envolvendo a memória possibilitam a seus realizadores “habitar esse tempo e vive-lo plenamente, numa relação que pode ser

⁸ Entrevista concedida em 29/01/2021.

criativa e transformadora”. Segundo ela, o ato de compartilhar memória é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos, levando-os à uma ação transformadora da consciência no que diz respeito a compreender o valor da memória na vida local, e as maneiras de recuperá-la e conservá-la.

Conclusão

Estimulados pela noção de compartilhamento da memória, e buscando aguçar nossa “percepção seletiva”, acreditamos que a trajetória d’O Piracaiense reconstituída por professores e alunos de Jornalismo possa tornar-se um exemplo daquilo que deve ser preservado como lembrança coletiva significativa em meio à sociedade do esquecimento. Questões como “que valor tem a memória, nesse contexto?”, ou “o que ganhamos resgatando o passado?” nunca deixaram de nos perseguir, mas também não chegaram a servir de desestímulo. Encaramos o desafio desse resgate conscientes de que a ausência de outros estudos semelhantes sobre a história local é mais um sintoma típico da sociedade do esquecimento.

Resgatar a trajetória d’O Piracaiense mostrou-se um trabalho de pesquisa apto a contribuir para a preservação da memória, não só da imprensa regional, mas do próprio município. Visto como patrimônio histórico e cultural, o jornal guarda em si informações úteis para reconstituir e entender melhor a sociedade piracaiense da época. Através da análise dos exemplares, foi possível entender como se configurava essa sociedade, sua relação com a esfera pública e com o poder, e o que era prioritário para seus habitantes. Portanto, foi na perspectiva de preservação da memória coletiva que inserimos a pesquisa, partindo do pressuposto que O Piracaiense teve um papel importante na constituição da identidade local, e o resgate de sua memória permite descobrir e entender coisas relevantes para a história do município.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Antonio Ferreira de. **História do município e comarca de Piracaiã**. Bragança (SP): Papelaria Almeida, 1912.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da Imprensa – BR 1900/2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e sociedade:** lembrança de velhos. São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.

CASTANHO, Sérgio. **Memória, presente e futuro.** In LOMBARDI, J. C. et al. (Orgs.) História, memória e educação. Campinas: Alínea, 2011.

CUNHA, Jordana Lopes da. **De fonte a objeto:** o jornal impresso como patrimônio histórico-cultural. Universidade Federal de Alagoas. Disponível em:
http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Jordana%20Maria%20Lopes%20da%20Cunha%20-%201020401%20-%20203649%20-%20corrigido.pdf Acesso em 11/10/2020.

DEGLINOMINI, Liziane de Souza. **O uso da memória como meio de preservação da história e da cultura social.** Universidade Federal de Santa Maria (RS), 2014. Disponível em:
https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11711/Deglinomini_Liziani_de_Souza.pdf?sequence=1. Acesso em 08/11/2020.

FÉLIX, Sandra Regina (Org.). **Piracaia:** sossego nas montanhas. São Paulo: Noovha América, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MAFRA, Jason. **O cotidiano e as necessidades da vida individual:** uma aproximação da antropologia de Agnes Heller. Revista Educação & Linguagem, v.13, n. 21, 2010.

MICHEL, Jerusa de Oliveira & MICHEL, Margareth de Oliveira. **O Jornalismo como memória – um estudo a partir do gênero reportagem “A Floresta das Parteiras”.** Anais do XXXVIII congresso da Intercom. Rio de Janeiro, 2015.

RODRIGUES, Francisco Luciano Lima. **O Direito ao patrimônio cultural preservado:** um direito e uma garantia fundamental. Pensar, Fortaleza, Ed. Especial, p.52–61, abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rpen/article/view/837/1672>. Acesso em 15/02/2021.

ROMANCINI, Richard. **História e jornalismo:** reflexões sobre campos de pesquisa. In BENETTI, Marcia & LAGO, Cláudia (Orgs). Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

SCHMIDT, Maria Luisa & MAHFOUD, Miguel. **Halbwachs:** memória coletiva e experiência. Psicologia USP, v. 4, n. 1-2, p. 285-298, 1 jan. 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481/37219>. Acesso em 02/02/2021.

SIMSON, Olga Von. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento.** Campinas (SP): Revista da Faculdade de Educação - UNICAMP. Disponível em: <http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/vonsimson.html> Acesso em 12/09/2020.

SODRE, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** Porto Alegre: Edipucrs, 2011.